

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 14 | Nº 42 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488



DESFAZENDO MITOS SOBRE SEXUALIDADE E PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Rafael dos Santos Reis¹

Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos²

Resumo

A educação escolar pode e deve incluir as temáticas da sexualidade e da diversidade, por meio de práticas pautadas na construção de uma sociedade mais consciente e justa. O tema “Sexualidade e Deficiência” foi solicitado como uma demanda formativa de uma rede de educação básica e gerou um Workshop on-line com 3 horas de duração. O encontro foi estruturado de maneira a contemplar uma experiência formativa pautada em reflexão teórica e uma abordagem prática (coleta de dados) quanto às percepções dos participantes sobre a sexualidade dos estudantes com deficiência. Para a caracterização da experiência formativa vivenciada, organizamos este ensaio inicialmente com considerações sobre as possibilidades de desconstrução de mitos tendo como base a filosofia de Nietzsche e em seguida trazemos uma percepção crítica sobre a sexualidade e pessoas com deficiência, pautados em Foucault e Butler. O delineamento metodológico e a coleta de dados tem abordagem quanti-qualitativa e a análise tem como base os princípios de Bardin (análise de conteúdos). Foram geradas as duas categorias, as quais foram problematizadas nos resultados e discussão. Concluimos que é necessário incluir o tema da sexualidade das pessoas com deficiências na formação docente de forma a fundamentar o debate sobre o assunto, desfazendo mitos que caracterizam a incapacidade dessas pessoas.

Palavras-chave: Diversidade; Formação Docente; Inclusão Escolar; Pessoas com Deficiência; Sexualidade.

Abstract

The school education can and should include the themes of sexuality and diversity, through practices based on building a more aware and just society. The theme “Sexuality and Disability” was requested as a training demand from a basic education network and generated a 3-hour online workshop. The meeting was structured in such a way as to contemplate a formative experience based on theoretical reflection and a practical approach (data collection) regarding the participants' perceptions about the sexuality of students with disabilities. For the characterization of the lived formative experience, we organized this essay initially with considerations about the possibilities of deconstructing myths based on Nietzsche's philosophy and then we bring a critical perception about sexuality and people with disabilities, based on Foucault and Butler. The methodological design and data collection have a quantitative and qualitative approach and the analysis is based on Bardin's principles. Two categories were generated, which were problematized in the results and discussion. We conclude that it is necessary to include the issue of sexuality of people with disabilities in teacher training in order to support the debate on the subject, dispelling myths that characterize the disability of these people.

Keywords: Disabled People; Diversity; School inclusion; Sexuality; Teacher Training.

INTRODUÇÃO

A criação mitológica, desde suas origens, reportando a Grécia antiga, foi elaborada na intenção de responder aos anseios humanos. Foram criadas narrativas para dar respostas, nascendo as ‘teogonias’ que narram a origem dos/as deuses/as e as ‘cosmogonias’ que narram a origem do universo.

Assim, os mitos durante muito tempo colaboraram para que as pessoas pudessem dar sentido às coisas, ao mundo e às relações humanas. Sob o viés científico, ainda assim, os mitos deram certo aporte

¹ Doutorando em Educação pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). E-mail: raphael.zaratustra@gmail.com

² Professora da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). Doutora em Educação. E-mail: danielle@unoeste.br



para que as civilizações conseguissem se desenvolver e criar os seus saberes (ARANHA; MARTINS, 2016). Com o decorrer dos tempos, as narrativas criadas não deram conta de explicar os fenômenos, e em seu lugar, a filosofia e os/as filósofos/as passaram a explicar o mundo e os fenômenos humanos em bases investigativas, lógicas e racionais.

Fato é que mesmo aos dias atuais, é comum encontramos explicações que nos remetem a ideia de mito, sobretudo, quando expandimos o seu significado. O mito de algo que não existe, que é inventado. Quando pensamos nas narrativas mitológicas, podemos relacioná-las com as questões que cercam a sexualidade. Muitos mitos, tabus e inverdades sobre a sexualidade humana culminam na perpetuação de ideias forjadas, por vezes maldosas, estabelecendo-se uma estrutura e um sistema que faz com que as vidas sejam administradas por critérios criados, validados e impostos de maneira subjetiva.

Tendo como base esses princípios, elaboramos um estudo com base em uma experiência formativa que se propõe a contribuir com as reflexões que desfaçam os mitos sobre a sexualidade de pessoas com deficiência, sobretudo, no contexto da escola inclusiva.

A escola pode incluir os temas da sexualidade e da diversidade como potencializadores da vida humana, por meio de práticas que sejam pautadas na construção de uma sociedade mais honesta e justa. A experiência formativa ocorreu no final de 2022, em um Workshop On-line destinado a professores de educação básica da rede estadual de São Paulo/SP, vinculados a uma Diretoria Regional de Ensino.

O tema “Sexualidade e Deficiência” foi abordado diante da demanda formativa encaminhada pela supervisão de Educação Especial, em um encontro de 3 horas de duração. O Workshop foi estruturado de maneira a contemplar uma reflexão teórica e uma abordagem prática (coleta de dados) quanto às percepções dos/as participantes sobre a sexualidade dos/as estudantes com deficiência.

Para caracterização da experiência formativa vivenciada, organizamos o ensaio inicialmente com algumas considerações sobre as possibilidades de desconstrução de mitos tendo como base a filosofia de Nietzsche, em seguida pretendemos trazer uma percepção crítica sobre a sexualidade e as pessoas com deficiência. O delineamento metodológico e a coleta de dados feita na experiência formativa vêm em seguida, trazendo também os resultados e a discussão.

DESFAZENDO MITOS

Ao pensarmos o mundo e a vida humana, seus contornos e as relações em seu entorno, acabamos por acessar ideias prontas, construídas no decorrer dos tempos em contextos superados e fracassados para pensar a vida como um movimento que se atualiza.



O filósofo Nietzsche, a partir da obra *A genealogia da moral*, nos ajuda a refletir sobre uma vida que esteja além das construções realizadas sob a égide do bem e mal. Ao pensarmos o bem e o mal, há uma gênese na qual os valores tais quais, bem e mal e os que destes decorrem, nascem por pressupostos e intenções que visam resguardar seu espaço criador. Ao refleti-los, podemos desfazer os mitos construídos sobre as pessoas com deficiências e suas sexualidades.

Um dos primeiros passos possíveis para a desconstrução é entender o processo da construção. Aliás, antes, saber que muito (para não generalizar) do que temos como bom, verdade, certo, e ademais resulta do efeito de uma série de mãos que construíram. *O espírito histórico* e *a inteligência do passado* são dois pontos iniciais que Nietzsche chama atenção e que serve a nós para nosso início de tomada de consciência. Na volta ao passado, a ideia de bom estava atrelada ao altruísmo e ao princípio da utilidade. Ou seja, toda pessoa ao agir de forma altruísta em relação a outra pessoa, ganharia o selo de boa. E nessa relação do “te faço bem” que nasceu a ideia do bom em detrimento a utilidade que tal ação ocasionou (NIETZSCHE, 1983).

Na relação altruísmo mais utilidade resultando em bom, passou a perpetuar como uma via do costume. O costume impregna na mentalidade coletiva o esquecimento. A importância do olhar histórico para o passado com o uso da inteligência está em identificar que as ações tidas como altruístas não são por si e em si boas. A linguagem cumpre a função de naturalizar. É comum percebermos nas relações humanas, certos costumes que em sua origem ganharam o atributo de bom, como certas religiões, por exemplo (NIETZSCHE, 1983).

Com isso, os pertencentes do bem são as pessoas poderosas e superiores. Logo, as pessoas inferiores, que não demandam de poderes, estão subjugadas ao mal. A soma do altruísmo com a utilidade também subtrai, já que algumas pessoas são consideradas não úteis. Ou seja, “os próprios bons, os homens distintos, os poderosos, os superiores que julgaram boas as suas ações; isto é, de primeira ordem, estabelecendo esta nomenclatura por oposição a tudo quanto era baixo, mesquinho, vulgar e vilão” (NIETZSCHE, 1983, p. 19).

Cria-se o modelo do que é bom pelo caráter de superioridade, pelos espaços de poderes privilegiados, influenciando no comportamento e na vida em sociedade até os dias atuais. Assim, uma “consciência da superioridade e da distância, o sentimento geral, fundamental e constante de uma raça superior e dominadora, em oposição a uma raça inferior e baixa, determinou a origem da antítese entre bom e mau” (NIETZSCHE, 1983, p. 19).

A composição do bom é construída sob o entendimento do que foi construído como mal. Não há uma ideia de algo mal por vias naturais ou essenciais, ditos como próprio de determinadas coisas. O uso da linguagem como uma ferramenta de dominação, segue nomeando, classificando, inferiorizando,



limitando a partir da autoridade de quem é possuidor de poderes, sejam eles, eclesiásticos, políticos, médicos, pedagógicos, jurídicos e tantos outros.

Na busca por respostas sobre o bem e o mal, Nietzsche encontra na etimologia, ao se questionar, qual “o sentido da palavra bom nas diversas línguas”? (NIETZSCHE, 1983, p. 21). Não muito surpreso, ele percebe que nas mais diversas línguas, há uma relação entre a derivação e o sentido da palavra.

O latim *malus* (que eu relaciono com melas, negro) pode designar o homem plebeu de cor morena e de cabelos pretos (*hic niger est*), o autóctone pré-árido do solo itálico que se distinguiria muito, pela sua cor, da raça dominadora e conquistadora dos loiros arianos. Ao menos o gaélico subministra-me um indício semelhante: a palavra *fin*, por exemplo – *Fin gal*, termo distintivo da nobreza e que, em última análise, significava o bom, o nobre, o puro, significava antigamente o de cabelos loiros em oposição ao autónomo de cabelos negros (NIETZSCHE, 1983, p. 23).

Diante disso, podemos perceber as inter-relações que as palavras, suas significações e uso têm em comum. E isso não tem a ver com a natureza das coisas em si, e sim, nas intenções as quais elas são feitas e projetadas. Essa “descoberta” que a etimologia propicia cria terreno para que o filósofo continue com sua genealogia, encontrando respostas e validando-as para compreender a construção da moral, sua valorização entre bom e mal e como toda essa conjuntura recai na cultura e produção humana em suas relações.

Nietzsche encontra na cultura judaico-cristã elementos que questionam os valores da moral ocidental, monoteísta. Se pela etimologia a aristocracia era entendida como um grupo que dominava e detinha o poderio de toda a sociedade, incluindo os predicados que os promoviam como os melhores, o grupo dos não privilegiados levantaria para solicitar seus espaços que por direito deveriam obter – os fracos, pobres os pequenos entre outros. Nas palavras de Nietzsche:

Sobre o tronco da árvore da vingança e do ódio – e é isto o que se deu – do ódio judaico, do ódio mais profundo e mais sublime que o mundo jamais conhecera, do ódio criador do ideal, do ódio transmutador dos valores, do ódio sem semelhança na terra, do tronco deste ódio saiu uma coisa incomparável, um amor novo, a mais profunda e a mais sublime forma do amor. Mas não se creia que o amor se desenvolveu sobre este tronco (único em que podia desenvolver-se) como antítese desta vingança e deste ódio. Ao contrário, o amor saiu deste ódio como uma coroa triunfante, mas que, no novo domínio da pureza, da luz e do sublime, persegue os mesmos fins que o ódio: a vitória, a conquista, a sedução (NIETZSCHE, 1983, p. 27-28).

É a partir disso que a sociedade passa a ser construída tendo como base a emancipação dos escravos da moral. A vingança ressignificada pelo amor, calculada e projetada para alcançar seu objetivo que foi transformar os valores históricos em essenciais e naturais, pela natureza divina. A partir



de então, os valores morais não são resultados das transformações históricas e sim, deles mesmos e por si mesmos. Deixa de existir uma história humana para ocupar a ideia de uma natureza humana.

Os valores são criados para ajuizar as condutas e delas nunca saírem. Uma perpetuação de poderes que não se vê vencida. O bem e o mal e tudo que lhe deriva, ocasionam uma sociedade por classificações que imprimem poder, autoridade em nome de uma aristocracia e que em mais de dois mil anos mantém seu poderio.

O bom/bem e o certo estão na classe dos que defendem a moral cristã. O mal/mau o errado estão nos grupos que não compactuam com a mentalidade cristã. A moral nasce do ressentimento, em querer ser e não se deixar afirmar enquanto é.

As pessoas com deficiência e suas sexualidades, seja em sua etimologia e origem, ressoam a essas classificações de bom, mal, verdade entre outras. Uma pessoa que não têm características tidas como “normais” a partir da comparação com um determinado grupo, acabam por ser inserida em um grupo dos “não normais”. A sexualidade que destoa do grupo hegemônico é colocada na berlinda da exclusão. É nesse sentido que seguiremos buscando refletir, nas próximas linhas, sobre a sexualidade em sua genealogia, descosturando as naturalizações realizadas através da moral dominante.

SEXUALIDADE E DESEJO: FACES HUMANAS

Foucault (2012) questiona: por que a sociedade e a cultura ocidental sabem mais sobre a sexualidade do que nós conhecemos sobre nossos desejos? Em uma visão geral, o que a sociedade produziu culturalmente não foi um conhecimento sobre a sexualidade, e sim, um desconhecimento. Na leitura de Foucault sobre a psicanálise, esse desconhecimento resulta do fato que “os sujeitos continuam a ignorar o que é da ordem de sua sexualidade e do seu desejo que existe toda uma produção social, de discursos sobre a sexualidade, que eram também errôneos, irracionais, afetivos e mitológicos” (FOUCAULT, 2012, p. 59).

Assim, o conhecimento construído pela psicanálise sobre a sexualidade não trouxe todas as respostas, mas também não foi ignorado, carecendo-se, portanto, de uma visão mais crítica e aprofundada. Na busca por uma problematização, Foucault utilizou o método de pesquisa genealógico e pôde afirmar que nossa sociedade vem reproduzindo percepções mitológicas sobre a sexualidade. Ora, como dizer a uma pessoa com deficiência que percebe seus desejos, enganando com falas falaciosas, que não trazem sentidos as vivências? A educação enquanto uma instância de inclusão, não pode se colocar a parte ou omissa a essas questões.



Os modelos de conhecimento sobre a sexualidade “vem de muito longe, pelo menos desde Santo Agostinho, desde os primeiros séculos cristãos, é um fenômeno a ser levado a sério e não pode ser reduzido simplesmente a esses modelos que podem ser uma mitologia, um mito ou ainda uma teoria fantástica” (FOUCAULT, 2012, p. 60).

Alguns exemplos como a relação de inferioridade da mulher com o homem, criada pela costela de Adão; A cegonha que traz os bebês após o nascimento para evitar a explicação em como uma criança é produzida e nascida; O relacionamento homem-mulher deve ser monogâmico, ao contrário, é pecado e serão condenados ao inferno. Tantas outras narrativas são utilizadas como “conhecimentos”, mas que na verdade são resultados do desconhecimento como uma estratégia, um desconhecer vazio, mas repleto de pretensões. O próprio desejo é matéria de conhecimento para a sexualidade.

Nesse sentido, Foucault mostra que o entendimento de uma ciência sexual presente em muitas sociedades ocidentais, na verdade são uma extensa produção de discursos, que regulam o que é a sexualidade, no viés proibitivo e disciplinador e isto não tem relação com um conhecimento científico.

Ao contrário, há uma apropriação na intenção de ser utilizado como confiável, correto e verdadeiro. Há uma lógica na qual se precisa manter a sociedade de rebanho (FOUCAULT, 2014). Bem diferente é a presença de uma arte sexual ou erótica nas sociedades orientais e também percebidas na antiguidade, por alguns grupos na Grécia e Roma. A arte sexual consiste em um conhecimento que desenvolve técnicas e meios que alcance e prolongue o prazer e suas vivências. Não há uma limitação ou restrição. A sexualidade e a prática sexual não são vistas como errado ou que não se deve ter e ser. Ou seja, não fomos e não ensinamos as pessoas em como utilizar das condições sexuais que temos enquanto humanos (FOUCAULT, 2015).

Essas considerações nos direcionam ao ponto crucial de entendimento quando pensamos sobre a sexualidade como um fator histórico e cultural que é produzido sobre o desejo humano e a sexualidade: a moral cristã. Não é coincidência anteriormente termos refletido com Nietzsche sobre o impacto da moral cristã na construção de valores das sociedades ocidentais. Quando Foucault, ao mencionar a ciência sexual, vê como um conhecimento histórico-cultural sobre a sexualidade e que não corresponde à realidade do desejo.

Dito isso, cabe-nos desenvolver o que a moral cristã construiu para então, darmos seguimento a desconstrução de ideias fixas e mitológicas sobre a sexualidade e o desejo humano. Foucault (2012; 2015) vai dizer que na antiguidade grega e romana, existia em alguns grupos a arte erótica, ou seja, a vivência e resultante dela, conhecimentos que garantiam um saber sobre os desejos individuais para as práticas da sexualidade.



Fica claro que a arte erótica, era tida como a moral pagã, grega, romana, dos desejos, resistente ao menos durante um tempo, sem ser vista e perseguida. Isso por que, antes deste período, já havia uma ideologia similar à que posteriormente conhecemos com a moral cristã. Ou seja, os valores que hoje conhecemos com o cristianismo já existiam antes de se tornar a “religião do Estado”. O cristianismo os adotou para a criação de uma edição aperfeiçoada.

Ousamos a dizer que muito provável que os gemidos de gozo destes grupos de pessoas livres, ao ganharem força pelo conhecimento de vivências sexuais, passou a “incomodar” os ouvidos angelicais que interveio, interditando o uso dos prazeres humanos com a máxima defendida e imposta pelos valores morais: o monoteísmo – relacionamento apenas com uma única e fielmente uma pessoa, o casamento binário, família, sendo legítima a sexualidade apenas na estância da reprodução e por isso a desqualificação dos prazeres e seus usos a toda forma contrária a essas (FOUCAULT, 2012; 2015). Aliás, foi e ainda é, sobretudo, nesse momento da escrita desse trabalho, correspondendo ao período quaresmal, muito apreciado pela comunidade cristã.

Ora, recai na sexualidade por meio de uma ciência sexual, que se diz saber o que a sociedade pode e não pode sobre seus desejos. Um saber que ao ser autenticado por séculos de perpetuação de valores que são mantidos pela naturalização de práticas, datas, rituais e, sobretudo discursos.

O que estamos dizendo é: não poder trair, masturbar, ser gay, conhecer o corpo em suas nuances e individualidades. Tudo o que estiver sob a instância do desejo e da sexualidade que não se inscreve ao saber cristão é proibido, perigoso, cassado e até exterminado. Deus é a encarnação panóptica do autocontrole, sobre as ações não conhecidas.

CORPO, PRECARIIDADE E ENQUADRAMENTO: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO ENTRE BUTLER E PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS

No documentário chamado *Examined life* (2008) a filósofa Butler participa de um diálogo com Taylor Astra, uma pessoa com deficiência. Segundo Butler “gênero e deficiência convergem em muitas maneiras diferentes. Mas uma coisa que eu acho que os dois movimentos fazem é nos levar a repensar, o que o corpo pode fazer?” (ASTRA, 2008). Ao mencionar essa questão, a filósofa faz referência a Deleuze (1968), e reflete sobre como tradicionalmente temos encarado o corpo, fazendo uso de padrões ideais para entendê-lo. Contudo, ao examinar a pergunta, percebe que não há a carência essencialista em instrumentalizar e capacitar o corpo a partir de estruturas externas que precisam obedecer a critérios para existir.

O fato de Butler dizer que há uma consonância entre gênero e como o corpo deve ser, resulta das ações violentas investidas sobre os corpos de pessoas que não se enquadram dentro dos ideais



hegemônicos postulados pela sociedade. O uso que essas pessoas fazem com seus corpos, ao transgredirem as formas habituais, motiva as várias violências de gênero e de sexualidades que não sejam a heterossexual, como também a pessoas com deficiência. Em suma, a forma como o corpo se apresenta, pode sinalizar perigo, por provocar em outra pessoa o desejo de exterminá-lo pelo fato de ser “diferente” (ASTRA, 2008).

Ao pensamos um corpo, quais atributos elencamos para sua formulação e existência? Butler responde questionando o fato de “o corpo em si é modelado por forças políticas com interesses estratégicos em mantê-lo limitado e constituído pelos marcadores sexuais?” (BUTLER, 2015, p. 223). Ora, o fato da existência de uma genitália pode determinar um gênero, do mesmo modo que uma alteração ou modificação corporal pode determinar um corpo? Esses questionamentos resultam ao fato de entendermos o corpo como algo pré-definido ou generalizado e sua existência acontece a partir das significações culturais e discursivas que são produzidas e então, todo esse construto que é feito ao corpo, deve ser passível de contestações (BUTLER, 2015).

O que sustenta esses questionamentos sobre o corpo, a forma como culturalmente tem reproduzido, e atualmente, a rigor por meio das tecnologias, exemplifica o entendimento de que o corpo só ganha existência através da colonização feita por meio de ultrassons ou sexagem fetal para apropriação compulsória, utilizada pelo gênero. Significa, pois, que são inseridas no corpo, marcas sociais a partir da correspondência do sexo. Nesse sentido, o corpo é como uma “tabula rasa” em que são inseridas significações pelas imposições de gênero para a atuação de papéis sociais pré-estabelecidos – “homem e mulher” e as prescrições que cada um desses papéis desenvolverá para a economia, naturalizando corpos e sujeitos.

Butler (2015) defende a ideia de que a sociedade é organizada de tal forma, que o corpo é validado quando é atravessado por um campo de controle – instituições que cumprem a função de licenciar o corpo, com critérios de inteligibilidade. Os discursos criados por essas instituições servem para delimitar o que é um corpo, como pode um corpo ser, estabelecendo assim, sua funcionalidade. Os corpos que rompem a “ordem” na qual o corpo é construído ganham um “selo” de ineficiência por romper as fronteiras da hegemonia para o qual o controle foi criado.

O corpo que não se enquadra ao que é hegemônico é entendido como um meio de perigo que pode espalhar-se e então, perder o controle do discursivamente produzido. Ao se tratar dos corpos com deficiência com certas particularidades, a preocupação é em criar uma forma de estancar e não disseminar, por evocar o “perigo”: para a família, que não foi instruída em como lidar; para a escola, por não ter professores habilitados; a sociedade, por não ser inclusiva; para o mundo do trabalho, pela produtividade que certas funções exigem.



Os corpos das pessoas com deficiência são concebidos como aqueles que não “conseguem” ser eficientes para a sociedade, e por isso, precisam ser restringidos e higienizados para não “poluírem” a sociedade. São corpos discursivamente feitos pela interioridade e exterioridade: homossexuais-aidéticos, hanseníase-leprosos/as, esquizofrenia-louco/a, entre outras. Uma produção de naturalizações que não condizem com a verdade subjetiva que cada pessoa vive.

Toda essa construção corresponde ao que Butler (2015) utiliza como paródia. A explicação a essa noção é pelo fato de que não existe um corpo original e primeiro e que todos os demais, são imitações. Nesse sentido, “a paródia que se faz é da própria ideia de um original” (BUTLER, 2015, p. 238). Ou seja, a paródia supõe uma releitura de um algo primeiro, e que ao ser refletida, confere um deslocamento, uma forma fluída, indeterminada e ressignifica.

O fato de pessoas com deficiência existirem conota o descumprimento de que exista um corpo perfeito e único. Resulta, pois, a pensar que “as possibilidades históricas materializadas por meio dos vários estilos corporais nada mais são do que ficções culturais punitivamente reguladas, alternadamente incorporadas e desviadas sob coação” (BUTLER, 2015, p. 241).

Butler (2019) utiliza da metáfora do rosto, introduzida pelo filósofo Lévinas, e discute como as reivindicações morais são feitas por algumas pessoas em detrimento a outras entendendo a/o Outro/a como o rosto da precariedade dado pela vulnerabilidade tanto de seus corpos, como de suas subjetividades. Ora, o rosto de pessoas com deficiência nos desperta a precariedade de condições sobre nossas vidas?

Ao pensar com a filósofa, no contexto educacional, identificamos uma realidade na qual é perceptível observar nas relações escolares, muitas delas de cunhos morais, políticos-cristãs, uma constante violência, um certo desejo de interdição-eliminação, causada a algumas pessoas, interpretada como uma ética para a vida, mesmo que os princípios que baseiam suas condutas sejam de amar o próximo e não matarás.

O enquadramento é um processo que calcula o que é vida, e passa por linhas de referências que constroem nossas percepções. As molduras que sustentam e ornem nossas percepções sobre a vida são vagas e, sobretudo, ultrapassadas, tanto politicamente, quanto, eticamente. O enquadramento segue como uma teia de produção de poder. A implicação que o enquadramento tem sobre a vida é a de que as decisões que são tomadas partem de um lado da visão sobre o que é a vida – produzida por métricas que podem ser biologizantes, religiosas, políticas, sociais, que selecionam os atributos que devam ter ou não ter para o ser-da-vida. Resulta, pois, que aparição de uma vida como tal, é decidida e não deliberada. Ela surge ou se faz presente, quando há intencionalidades (BUTLER, 2015).



Na conjuntura dessas considerações, a vida de pessoas com deficiência acompanha em certas medidas essa lógica do reconhecimento e negação. O construto discursivo sobre seus corpos e vidas, coloca o peso de estarem endereçados ao que o discurso educacional, escolar, de raso entendimento docente, entre tantos outros atravessamentos, faz estar sob a precariedade em forma de violência e existência. Resulta em uma não representação, em um rosto construído pelo não enquadramento ao corpo eficiente, interdito ao uso de suas condições humanas que não se limitam aos discursos e a classificações culturalmente construídas limitadamente (BUTLER, 2019).

EXPERIÊNCIA FORMATIVA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método qualitativo possibilita uma análise de microprocessos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais e de um exame intensivo dos dados, além de ser caracterizado pela heterodoxia no momento da análise (MARTINS, 2004). Diante das reflexões teóricas acerca da sexualidade e das pessoas com deficiência, pautamo-nos na análise acerca dos resultados obtidos em uma experiência formativa, que foi vivenciada com professores da rede de educação básica, visando a dissolução de mitos construídos sobre a sexualidade dessas pessoas.

Em busca de um exame intensivo desse microprocesso, a coleta, seleção e análise de dados produzidos nessa experiência formativa foi estruturada em uma abordagem quali-quantitativa, devido ao fato de podermos trabalhar com algumas variáveis quantificáveis, incidindo em possíveis correlações estatísticas, porém significando, compreendendo e interpretando os dados de forma qualitativa (CHIZZOTTI, 2001).

A abordagem quali-quantitativa pode nos auxiliar a alcançar uma compreensão mais abrangente dos fatos, das realidades individual e social em que cada um vive, diante de um mundo dinâmico, percepções, posições e ações que são diferentes entre si (CHIZZOTTI, 2001). Assim, há a possibilidade de análise das quantificações que evidenciam os fenômenos em conjunto com as representações e das visões dos participantes.

Visando atender a essas premissas, a coleta de dados foi proposital/intencional, em um grupo previamente escolhido. O público-alvo foi composto por vinte e dois (22) professores da rede de educação básica, portanto todos maiores de idade, vinculados a uma Diretoria Regional de Ensino e que participaram de um encontro on-line intitulado “Workshop Educação Especial e Inclusiva: Tema Sexualidade e Deficiência”. Vale ressaltar que a experiência formativa faz parte de um Programa de Extensão de uma universidade do interior do Estado de São Paulo em parceria com uma Diretoria



Regional de Ensino e que são realizadas nessa parceria formações continuadas com temas específicos indicados pelos próprios participantes.

O Encontro on-line teve 3 horas de duração e foi realizado no dia 02 de dezembro de 2022, transmitido por uma plataforma de aulas ao vivo e mediado por uma professora doutora e um doutorando da universidade. Ambos foram os responsáveis pela elaboração e validação do questionário que foi aplicado ao final do encontro.

A coleta de dados foi pautada na aplicação de um questionário composto por 09 (nove) questões fechadas e (01) uma questão aberta. O objetivo das perguntas era identificar as percepções, entendimento e crenças dos docentes sobre a sexualidade de pessoas com deficiências.

A amostra não foi probabilística, por termos definido anteriormente um grupo de professores atuantes em salas de recursos e/ou com estudantes com deficiência a partir da própria experiência formativa. Não foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão, devido ao fato de ser um tema conhecido por todas as pessoas, sobretudo, no âmbito educacional (DIEHL, TATIM, 2004).

O questionário foi disponibilizado em formato on-line, pelo aplicativo *Google Forms*. Antes da aplicação foi explicada a garantia de que os participantes estariam sob o sigilo de não serem identificadas. As questões fechadas foram formuladas buscando conhecer as atitudes e as crenças sobre a sexualidade das pessoas com deficiência e a questão aberta foi elaborada para que pudessem inserir as suas considerações a respeito do tema (GIL, 2019).

Na análise dos dados utilizamos análise de conteúdo (BARDIN, 2009), buscando estabelecer polos, seguindo critérios de aproximação, diferenciação e o uso semântico para apresentar os resultados e as discussões. Assim, foram geradas duas categorias, conforme o Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Categorias de Análise

Eixos	Categoria	Perguntas do questionário
1	Religião e Conhecimento sobre sexualidades	1) Você se considera uma pessoa assiduamente religiosa? 2) A sua vivência religiosa contribui para compreensão sobre sexualidades? 3) As informações e conhecimento que tenho ou busco sobre sexualidade é feita: 4) Quando me perguntam sobre o que é sexualidade, defino-a como:
2	Sexualidades, Pessoas com deficiência e Família	5) você tem algum conhecimento sobre sexualidade de Pessoas com deficiência? 6) a sexualidade em pessoas com deficiência pode ser entendida como: 7) qual a importância você avalia sobre a educação sexual para pessoa com deficiência? 8) você percebe que a família de pessoas com deficiência colabora com a formação para sexualidade? 9) A família de pessoa com deficiência atua na formação da sexualidade de forma:

Fonte: Elaboração própria.



Conforme pode ser observado no Quadro 1, as categorias geradas foram: Religião e Conhecimento sobre Sexualidades e Sexualidades, Pessoas com deficiência e Família e foram as compostas questões de 1 a 4 na categoria 1 e de 5 a 9 na categoria 2. A pergunta aberta foi sintetizada nas duas categorias, seguindo os mesmos critérios estabelecidos para a categorização das questões fechadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação à questão 10, aberta, dos 22 participantes, obtivemos 18 respostas, que foram enumeradas pela ordem de resposta, conforme o Quadro 2:

Quadro 2 - Respostas em Categorias – Questão aberta

Eixos	Categoria	Respostas abertas
1	Religião e Conhecimento sobre sexualidades	8) Acredito que a sexualidade ainda é um tabu para muitos. Precisamos estudar e buscar mais conhecimentos, esclarecimentos... 9) Conhecer o tema sexualidade é de suma importância, embora um campo crescente a cada dia, e pouco tratado pelos profissionais da rede, as formações oferecidas são enriquecedoras para a nossa formação. 10) Deveria ter sempre curso específico, para saber como lidar com certas situações. Eu sinto que estamos despreparados para esse assunto. Vejo que esse assunto sempre foi um tabu. 11) Auxiliar mais os educandos sobre o assunto, orientando-os sobre a sexualidade. 15) Conhecimento. 16-) o tema é relevante, porém para o ano de 2023 que essas formações seja presenciais. 17) Estudar, para repassar o correto
2	Sexualidades, Pessoas com deficiência e Família	3) A sexualidade precisa ser repensada, no caso das pessoas com deficiência. 4) O termo sexualidade na pessoa com deficiência deveria ser mais abordado, para um melhor entendimento das pessoas em geral. 5) Sobre a sexualidade percebo que a criança com deficiência é bem aguçada. 6) Deveria ter sempre curso específico, para saber como lidar com certas situações. Eu sinto que estamos despreparados para esse assunto. Vejo que esse assunto sempre foi um tabu. 7) Uma abordagem interessante seria questionar sobre a percepção pessoal acerca do tratamento deste tema nas escolas, de como isto se daria, como por exemplo, seria aplicado de forma diferente para este público, ou isto seria uma forma de capacitismo? 12) É um tema importante para ser abordado. 13) Acho um tema muito válido a ser discutido. 18) Orientado mais os alunos sobre o assunto. 1) Vejo que muitas famílias tratam a sexualidade dos deficientes como uma deficiência também. 2) Tive dificuldades para responder a questão 8 e 9, pois atuando na Sala de Recurso tenho um público diversificado onde há famílias que contribuem para educação sexual e outras não. 14) Que como educadora devemos trabalhar esses conceitos tanto com o aluno informando, como com a família.

Fonte: Elaboração própria.



uma polaridade quanto ao que pode ou não ser abordado sobre sexualidade (JIMÉNEZ BOLAÑOS, 2022).

Dado a conjuntura em que a religião opera de acordo com que Foucault (2012; 2014; 2015; 2020) nos apresentou, é interessante perceber que o entendimento verdadeiro que se tem sobre as sexualidades são aqueles ensinados pela religião e que condiz com a percepção de que as sexualidades estão no âmbito reprodutivo, biologizante e natural.

Quando perguntamos ao grupo pesquisado o que entendem por sexualidade, 86,4% definiram que se trata de desejos próprios de todo ser humano. Uma pequena parcela representada por 13,6% entende a sexualidade como uma vivência apenas de homens e mulheres. Em uma das alternativas mencionamos as pessoas LGBTQI+, mas não houve nenhuma resposta sobre esse público. Assim, as respostas estão relacionadas somente a uma concepção binária de sexualidade— homem e mulher.

Quando questionados sobre onde buscam informações ou conhecimentos sobre a sexualidade, 81,8% responderam que buscam em livros, artigos científicos ou palestras de pessoas especializadas, 4,5% nas redes sociais e 13,6% declararam que não tem tempo de buscar informações sobre o assunto, devido a rotina exaustiva de trabalho.

Fato é que muito conhecimento tem sido produzido sobre sexualidade. Para termos uma ideia, uma busca simples feita com as palavras sexualidade e educação na página inicial do *Google*, mostrou ter 13.100.000 resultados. Desses, várias páginas, sites de dados, vídeos, artigos, blogs entre outros. A questão é como esses conhecimentos têm sido pensados na escola, se há de fato um acesso ou leituras como essas leituras reverberam nas práticas escolares, possibilitando uma abordagem que não reproduza mais violências (BARJOLA, 2019).

Nas palavras de Foucault (2015, p. 13), ainda permanecemos sendo uma “[...] sociedade que há mais de um século se fustiga ruidosamente por sua hipocrisia”. E por alimentar-se pelos dispositivos bem e mal, o costume naturalizou a ideia que a sexualidade é o mal que precisa ser perseguida para que o ressentimento se mantenha como força propulsora de negações, frustrações e encontrar na religião, a resolução de todos os problemas que somente a sexualidade poderia desvelar-se como verdade (NIETZSCHE, 1983).

Categoria 2: Sexualidades, Pessoas com deficiência e Família

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) há no interior do Estado de São Paulo, mais especificamente na região do Pontal do Paranapanema, um número considerável de pessoas com deficiência, em torno de 5% da população total (IBGE, 2021). Nesse horizonte, a escola



tem um papel significativo na vida das pessoas que tem deficiência e que fazem ou tiveram alguma trajetória escolar. Implica pensar como a sexualidade é entendida na escola, sobretudo, as/os professores.

Ao perguntarmos aos participantes sobre o seu conhecimento sobre sexualidades e pessoas com deficiência, 59,1% afirmaram que tem conhecimento e 40,9% responderam que não. Contudo, quando perguntamos como essas/es professores entendiam as sexualidades dos/as estudantes com deficiência, 72,7% responderam ser necessária, desde que bem formada, possibilitando uma melhor qualidade de vida. 22,7% responderam que entendem o tema sexualidade e pessoas com deficiência como perigoso, pois dependendo do grau cognitivo, as pessoas podem não conseguir vivenciar e ter cuidados necessários para uma prática sexual saudável. 4,5% responderam que devido a deficiência, as questões sexuais não são necessárias.

Os dados demonstram o modo como as pessoas com deficiência são enquadradas por molduras que as definem como não aptas à prática sexual, ao serem colocadas sob o crivo das classificações em que seus corpos e vidas são consideradas a partir dos discursos que as reconhecem como pessoas que não tem desejos, como párias ou seres angelicais advindos de uma mentalidade socialmente construída (BUTLER, 2015; 2019; GRANDA VIÑUELAS, 2022).

De acordo com Tassa *et al.* (2023), parece que ser deficiente é não ser capaz de realizar algo. Assim, os autores questionam: “será que uma limitação pode impossibilitar o indivíduo de viver sua vida da forma como ele deseja?” (p. 102).

Procuramos saber como os participantes avaliam a educação sexual para as pessoas com deficiência na escola. 81,8% definiram como necessária e 18,2% definiram que depende da situação. Procuramos saber também se as famílias colaboram com a formação da sexualidade das pessoas com deficiência em parceria com a escola. 72,7% responderam que não existe essa colaboração e 27,3 declararam que sim. Considerando a porcentagem que disse que havia a colaboração da família para a formação da sexualidade das pessoas com deficiência, perguntamos de que forma isso ocorria. 4,5% disseram ser de forma machista e prejudicial. 13,6% responderam que a formação é de maneira a considerar que essa pessoa não tem desejos.

De acordo com os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (BRASIL, 2022) somente no Estado de São Paulo, foram registrados 2.661 estupros correspondendo a 5,7% dos casos no Brasil assim como 9.101 de estupros de vulneráveis, 19,5% dos casos no Brasil. A maior parcela dos casos parte de pessoas próximas, amigas, colegas, familiares e até parceiros em relações amorosas, rompendo com os silenciamentos até então naturalizados, permitindo intervenções do Estado (GATTI, 2017).



A faixa etária das vítimas é de 10 a 13 anos correspondendo a 31,7% do total, 16% entre 14 a 17 anos e 5,7% entre 20 a 24 anos. Faixa etária na qual passam pelo processo de educação básica e que são entendidas por serem duplamente vulneráveis e que diferente ao que se pensa, são corpos e pessoas que existem e que estão sob o risco/alvo de toda e qualquer pessoas. Implica em pensar que, ao serem construídos os discursos, tornam-se pessoas que não seriam alvo de tais violências, por não se adequarem (deficiência) (RODRÍGUEZ PÉREZ, 2020).

Os resultados demonstram que o tratamento do tema influencia muito na trajetória de vida e a exploração sexual muitas vezes não é verbalizada ocasionando em ansiedade e depressão podendo chegar até ao suicídio (SOUZA *et al.*, 2012; SANJEEVI *et al.*, 2018).

Ou seja, a educação escolar deve atentar-se para o tema, gerando práticas saudáveis para a vida, também criando formas de prevenção contra violências e de saúde.

Conforme Avelino *et al.* (2022), o espaço escolar pode exercer o papel primordial de transformar a consciência ingênua da sociedade em consciência crítica. Assim, desfazer o mito das nossas percepções sobre as sexualidades de pessoas com deficiência é um projeto de urgência que não se pode mais adiar. Só podemos pensar em inclusão, se também incluirmos tudo o que é inerente a vida humana que é a sexualidade e toda sua diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio foram propostas uma discussão teórica/temática sobre sexualidade e pessoas com deficiências, seguida da explicitação e análise de dados coletados em uma experiência formativa que foi vivenciada com professores da educação básica sobre o tema. A ideia é possibilitar provocações e reflexões que possam colaborar na dissolução de mitos que envolvem a sexualidade das pessoas com deficiência na escola, rompendo visões distorcidas que impossibilitam esse ser um espaço das diversidades e da inclusão.

Desfazer mitos é um caminho inverso para desmanchar o que tem sido perpetuado como conhecimento que comumente acessamos sobre a sexualidade, seja para a vida pessoal como nas vivências em relações coletivas em sociedade.

Com base em Nietzsche, pudemos observar como na história da humanidade os binarismos funcionam através da autoexclusão, ao criar ideias e formas que colocam a vida humana em espaços que podem ser controlados, utilizando como estratégia a via tradicional dos costumes.

A partir do olhar para o passado, conseguimos perceber as pretensões de dividir a sociedade em pessoas boas e más. Contudo, essas percepções são fracassadas, e cada dia mais, tem se provado esse



desmascaramento, nos aparecimentos de vidas e relações que fissuram moldes da ineficiência, provando que os determinantes são passíveis de superação.

Para refletirmos sobre a sexualidade, acessamos Foucault, por promover elementos históricos e culturais de modo a pensar os entraves colocados pela tradição cristã em entender as sexualidades como uma instância humana. Os efeitos do não entendimento de que a sexualidade deva ser um objeto de negação e de uso de uma ciência moral que constrói desconhecimentos, implica em vários apontamentos observados nos dados coletados.

Ao observarmos os dados coletados e analisados no questionário on-line que foi aplicado aos participantes, que são professores de educação básica da rede pública, percebemos que há uma consciência de que é importante tratar o tema sexualidade, como um mecanismo que possibilita uma melhor relação entre estudantes e professores, de maneira que o assunto não esteja no horizonte de tabus ou preconceitos.

De acordo com a percepção dos participantes, quando as questões sobre sexualidade são abordadas na escola, são utilizados pressupostos biologizantes e binários, implicando na exclusão do tema, quando se trata, por exemplo, de pessoas com deficiências. Além disso, apontaram preocupação com o tema da sexualidade em relação às famílias, devido a uma suposta ausência de um conhecimento que responda as demandas dos/as estudantes com deficiência.

Outra questão evidenciada no estudo é o fato de que as pessoas com deficiências são vistas como pessoas que não possuem sexualidade. Essa visão contribui para que não se fale sobre sexualidade quando se trata desse público em específico. Nesse sentido, falar sobre a sexualidade das pessoas com deficiência é não apenas para a garantia dos seus direitos, mas também trata-se de estabelecer melhores relações na escola e na sociedade, como uma forma de prevenção contra as várias violências que ocorrem no âmbito sexual dessas pessoas.

Para que a sexualidade seja uma instância que deva ser incluída no núcleo escolar das vivências das pessoas com deficiência, é urgente que haja investimento em reinvenções sobre como entendemos a pessoa, o mundo e a sociedade, pulando as cercas delimitantes que diminuem a particularidade de cada pessoa. Implica em aceitar que a escola é um espaço que atende as diferenças. Falar sobre sexualidade é uma forma de aliar-se ao entendimento de que a diferença não é algo que deva ser combatido e sim, atendido seja na prática ou no conhecimento, para que resulte na vida dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 2016.



ASTRA, T. “Examined Life”. **YouTube** [2008]. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 13/03/2023.

AVELINO, W. F.; CORREA, A. C.; DEPS MIGUEL, K. C. “A escola como espaço de aprendizagem: implicações para as políticas educacionais”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 9, n. 25, 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 2009.

BARJOLA, N. **Microfísica sexista del poder: el caso Alcàsser y la construcción del terror sexual**. Barcelona: Virus Editorial, 2019.

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Brasília: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022.

BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do sexo**. São Paulo: N 1 Edições, 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

DIEHL, A. A. TATIM, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Prentice Hall, 2004.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2020.

GATTI, G. **Un mundo de víctimas**. Barcelona: Editora Anthropos, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2019.

GRANDA VIÑUELAS, E. “El cuerpo evidenciado: agresiones sexuales em el contexto judicial”. **Revista del Laboratorio Iberoamericano Para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades**, n. 8, 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. “Cidades”. **IBGE** [2021]. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 02/05/2023.

JIMÉNEZ BOLAÑOS, J. D. “Las guías didácticas de educación se-xual, la impugnación religiosa y la regulación de la normalidad sexual en Costa Rica, 1985-1998”. **Historia y Memoria de la Educación**, n. 15, 2022.



KAMI, M. T. M. *et al.* “Trabalho no consultório na rua: uso do software IRAMUTEQ no apoio à pesquisa qualitativa”. **Escola Anna Nery**, vol. 3, n. 20, 2016.

MARTINS, H. H. T. S. “Metodologia qualitativa de pesquisa”. **Educação e Pesquisa**, vol. 2, n. 30, 2004.

NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**. Lisboa: Editora Guimaraes e CA, 1983.

RODRÍGUEZ PÉREZ, P. “Víctimas en disputa: Miscelánea para una aproximación a la violencia sexual”. **Ambigua, Revista de Investigaciones sobre Género y Estudios Culturales**, n. 7, 2020.

SANJEEVI, J. *et al.* “A Review of Child Sexual Abuse: Impact, Risk, and Resilience in the Context of Culture”. **Journal of Child Sex Abuse**, vol. 6, 2018.

SANTO, M. S. *et al.* “Gênero e sexualidade em rodas de conversa: uma análise de projeto desenvolvido no Instituto Federal de Goiás (IFG), campus Valparaíso”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 13, n. 39, 2023.

SOUZA, F. B. C. *et al.* “Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual”. **Reprodução e Climatério**, vol. 27, n. 3, 2012.

TASSA, K. O. M. E.; RODASKI, J. I.; CRUZ, G. C. “Educação Inclusiva e o Curso de Formação de Docentes: Desafios e Relatos de Experiência”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 41, 2023.

ZAENZ, N. M.; MORA, M. P. “Limitaciones sociales en los derechos a la sexualidad de las personas con síndrome de Down”. **Revista Latino Americana Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 33, 2019.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 14 | Nº 42 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima